

Pintando o sete

Adaptação de Pedro Bandeira de um trecho do livro
"As aventuras de Tom Sawyer", de Mark Twain

Tom Sayer sempre encontrava um jeito de escapar das enrascadas em que ele mesmo se metia. Certa vez, o menino tinha passado a manhã a folgar com os amigos, metendo-se em lutas de brincadeira e rolando com a turma pela margem do rio, às gargalhadas. Por isso, chegou em casa muito tarde e, quando ia pulando cautelosamente a janela, lá estava a tia Polly, com aquela cara de carrasco. Ela viu o estado em que se achavam as roupas do sobrinho e decidiu transformar-lhe o feriado de sábado em prisão com trabalhos forçados. Um sábado inteirinho perdido pintando a cerca da casa, como castigo!

O dia de verão estava claro e fresco e Tom teve de sair para a calçada com um balde de cal e uma brocha de cabo comprido. Examinou a cerca e a alegria deixou-o. Uma grande melancolia abateu-se sobre o seu espírito. Quinze metros de cerca de tábuas com dois metros de altura! A vida pareceu-lhe oca e a existência apenas um fardo. Suspirando, mergulhou a brocha no balde e passou-a na tábua mais alta. Repetiu a operação, tornou a fazê-lo, comparou o insignificante pedacinho caído com a vastidão da área a cair, e sentou-se num tronco de árvore, desanimado.

Naquele momento, Jim, o filho da caseira, apareceu com um balde pequeno. Na certa tia Polly o mandara até a bomba da aldeia.

Trazer água da bomba da aldeia sempre parecera aos olhos de Tom um serviço odioso, mas agora já não lhe parecia tanto. Lembrava-se que na fonte havia muita gente, meninos e meninas sempre brincando, negociando com brinquedos, discutindo, guerreando. E propôs:

– Escuta, Jim, eu vou buscar a água se tu quiseres cair aqui um pouquinho.

Jim abanou a cabeça e respondeu:

– Não posso, Tom. Tua tia disse que eu tinha de buscar essa água e não podia parar pra conversar com ninguém. Ela disse que já sabia que tu ias me pedir pra ajudar com a caiação e disse que eu fosse embora e cuidasse do meu serviço.

– Oh, não te importes com o que ela disse, Jim. É assim que "ela" sempre fala. Dá cá o balde, não vou demorar nem um minuto. "Ela" nunca saberá.

– Ah, não posso, Tom. Tua tia me arranca a pele. Arranca mesmo.

– “Ela”? Ela nunca bate em ninguém. Dá uns cocorotes na cabeça da gente com o dedal, e quem é que se importa com isso? Fala zangada, mas falar não faz doer. Jim, eu te darei uma coisa esplêndida. Eu te darei uma bola de coco!

Jim começou a vacilar.

– Bola de coco, Jim! E é das grandes!

– Xi! Isso é mesmo uma coisa boa! Mas, Tom, eu estou com medo da braveza da tua tia...

– E além disso, se quiseres, eu te mostro meu dedão machucado.

Jim era humano. Aquela tentação era demais para ele. Pousou o balde, aceitou a bola de coco e curvou-se sobre o dedão com um interesse absorvente enquanto o curativo era retirado. Um momento depois estava correndo rua abaixo carregando o balde, e com o traseiro dolorido. Tom estava caindo com vigor e tia Polly ia-se retirando do lugar com um chinelo na mão e um brilho de triunfo nos olhos.

Mas a energia de Tom não durou. Começou a lembrar-se dos divertimentos que planejara para aquele dia, e seu desgosto duplicou. Daí a pouco, os meninos livres viriam por ali, preparando-se para uma porção de coisas agradáveis, e haviam de gozar com a cara dele por ter de trabalhar. Só pensar nisso queimava-o como fogo. Tirou do bolso todos os seus pertences e examinou-os: pedaços de brinquedos, bolinhas de gude e ninharias. O bastante para comprar uma troca de “trabalho”, talvez, mas nem a metade do necessário para comprar meia hora de pura liberdade. Assim, meteu de novo os minguados bens nos bolsos e desistiu da ideia de comprar os rapazes. Nesse momento triste e sem esperança, teve uma inspiração! Nada menos que uma grande, magnífica inspiração!

Agarrou a brocha e voltou tranquilamente ao trabalho. Ben estava à vista agora, justamente o menino cuja zombaria ele receava. Vinha comendo uma maçã e andava ligeiro, prova de que seu coração estava alegre e seus projetos eram altos.

Tom continuou caindo e não prestou a menor atenção ao recém-chegado. Ben ficou olhando para ele um momento e disse:

– Xi! Estás ruim de vida, hein?

Nada de resposta. Tom examinou a última pincelada com um olhar de artista, depois deu mais um ligeiro retoque com a brocha e observou novamente o resultado. Ben foi colocar-se ao lado dele. A boca de Tom estava cheia de água por causa da maçã, mas ele

continuou trabalhando. Ben disse:

– Alô, amigo velho, tens de trabalhar, hein?

Tom virou-se para ele rapidamente e disse:

– Então és tu, Ben? Nem tinha reparado.

– Escuta, eu vou nadar um bocado, isso é que vou. Não gostarias de poder ir também? Naturalmente havias de preferir isso ao trabalho, não havias? É claro que havias.

Tom contemplou o companheiro um momento e depois disse:

– O que é que tu chamas trabalho?

– Ora essa, então isso não é trabalho?

Tom recomeçou a caiar e disse despreocupadamente:

– Bem, talvez seja e talvez não seja. Tudo o que sei é que é do meu gosto.

– Ora, vamos, não me vais dizer que fazes isso por gosto!

A brocha continuou a mover-se.

– Por gosto? Bem, não vejo por que não havia de gostar. Não é todos os dias que um rapaz tem a oportunidade de caiar uma cerca.

Aquilo punha o caso sob nova luz. Ben parou de roer a maçã. Tom passava a brocha de um lado para outro com esmero. Recuava para observar o efeito, dava um retoque aqui e acolá, analisava o efeito outra vez. Ben não tirava os olhos de cada movimento e ia ficando cada vez mais interessado. Afinal, pediu:

– Escuta, Tom, deixa-me caiar um pouco.

Tom considerou, esteve a ponto de consentir, mas mudou de idéia:

– Não, não. Devo reconhecer que não poderias fazê-lo. Bem vês, a tia Polly faz muita questão dessa cerca. O serviço tem de ser feito com muito cuidado. Acho que não há um rapaz em mil, talvez em dois mil, que possa fazê-lo como deve ser.

– Será mesmo? Oh, vamos... deixa-me só experimentar. Só um pedacinho. Eu te deixaria, Tom, se tu fosses eu.

– Eu gostaria de deixar, sinceramente, Ben. Mas a tia Polly... olha, Jim queria fazê-lo, mas ela não deixou. Sid também queria, e ela não deixou. Vês agora como estou amarrado? Se estragares a cerca ou acontecer qualquer coisa...

– Ora bolas, eu hei de ter cuidado. Deixa-me experimentar, anda. Escuta... dou-te metade da minha maçã.

– Hum, assim... Não, Ben, não posso deixar. Tenho medo...

– Dou-te a maçã inteira!

Tom cedeu a brocha com relutância aparente, mas com o coração alegre. E enquanto Ben trabalhava e suava ao sol, o artista estava sentado em um barril ali perto, na sombra, saboreando a maçã e planejando a matança de mais alguns inocentes. Não havia falta de material: de vez em quando aparecia por ali um garoto. Vinham para zombar, mas ficavam para cair. Quando Ben se cansou, Tom já tinha cedido a vez a Billy em troca de um papagaio de papel, em bom estado. E, quando aquele deu o fora, Johnny tomou-lhe o lugar em troca de um rato morto e um barbante para balançá-lo de um lado para outro, e assim por diante, hora após hora. E, lá pelo meio da tarde, de um pobre rapazinho deserdado pela manhã, Tom estava podre de rico. Tinha, além das coisas já mencionadas, doze bolinhas de gude, parte de um banjo, um caco de vidro azul de garrafa para espiar por ele, um tubo de cola, uma chave que não abria coisa alguma, um pedaço de giz, uma rolha de vidro de perfume, um soldadinho de chumbo, um casal de rãs, seis bombinhas de estalo, um gatinho com um olho só, uma maçaneta de porta de latão, uma coleira sem cachorro, o cabo de uma faca, quatro pedaços de casca de laranja e um velho caixilho de janela.

Passara um ótimo bocado. Vagabundeando todo o tempo, em excelente companhia, e a cerca tinha três mãos de caiação! Se não fosse pela falta de cal, teria levado à falência todos os meninos da aldeia.

Tom disse consigo mesmo que a vida afinal não era assim tão ruim. Descobriria uma grande lei que aciona o mundo: para fazer um homem ou um menino cobiçar uma coisa, basta tornar essa coisa difícil de obter. Se fosse um grande e sábio filósofo, teria compreendido que “trabalho” consiste em tudo aquilo que a gente é obrigado a fazer e “divertimento” é tudo aquilo que a gente não é obrigado a fazer. E isso o ajudaria a compreender por que é que furar um poço ou dar voltas ao moinho é trabalho, enquanto jogar golfe ou escalar uma montanha é prazer. Há gente rica que guia carros por quinhentos quilômetros em um dia, mas se lhes oferecessem salário pelo serviço, isso se transformaria em trabalho e eles ficariam até ofendidos!